

Pólis e política a partir de uma leitura da tragédia *Filoctetes*

Mestrando Matheus Barros da Silva (POIEMA/UFPEL)

Resumo: A tragédia grega é singular no pensamento ocidental. Tem um nascimento delimitado, em Atenas ao final do VI século, e seu desenvolvimento se dá durante o V século. Como elemento das festividades rituais em honra ao deus Dioniso, o espetáculo trágico possui estreito laço com a cidade e discute no teatro o que concerne aos cidadãos. O presente texto tem como objetivo discorrer sobre determinados aspectos da tragédia *Filoctetes*, de Sófocles, e em como esta peça se insere no quadro intelectual da Atenas do final do V século, momento em que foi encenada.

Palavras-chave: tragédia grega; *Filoctetes*; política; pólis.

Polis and politics from a reading of tragedy *Philoctetes*

Abstract: The greek tragedy is unique in Western thought. Created in Athens in the late sixth century, its development takes place during the fifth century. As part of the ritual festivities in honor of the god Dionysus, the tragedy has close ties with the city. All the subjects that were played in the theater concerns the citizens. This paper aims to discuss certain aspects of the tragedy *Philoctetes* of Sophocles, and how this play fits into the intellectual framework of the Athens of the late fifth century, when it was staged.

Keywords: Greek Tragedy; *Philoctetes*; Politics; Polis.

O sentido do trágico para os gregos:

Antes de nos atermos ao texto de Sófocles, procuraremos tecer determinadas considerações sobre o sentido do trágico na realidade em que veio a luz. Cabe deixar claro que a tragédia grega tem local e data de nascimento, ou seja, Atenas no final do VI século, mas é o século V que entrou para história grega como o momento de apogeu do teatro trágico (ROMILLY, 1999: 10). A tragédia grega busca sua matéria nos antigos mitos helênicos:

Mito e tragédia, o que entendemos exatamente por isso? As tragédias, bem entendido, não são mitos. Pode-se afirmar, ao contrário, que o gênero surgiu no fim do século VI quando a linguagem do mito deixa de apreender a realidade política da cidade (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1988: 7).

A realidade política da pólis grega não busca um sentido ou explicação no pensamento mítico. Com realidade política entendemos o espectro intelectual que diz

respeito e comporta as questões sobre o desenvolvimento e administração da cidade. Neste sentido, o λόγος (pensamento racional) assume certa preeminência. Com isso compreende-se que o mundo humano e suas questões passam a ser pensados a partir do próprio humano.

Assim, como se coloca o universo trágico? A tragédia tem seu fundo de inspiração no conteúdo mítico. Mas há uma quebra, o mito é, ao mesmo tempo, visto como um momento já passado, transcorrido, mas sua força ainda faz eco na mentalidade do V século. Essa dupla visão sobre o pensamento mítico articula-se contra a cidade grega e seus valores de *ισονομία* (igualdade dos cidadãos diante de leis comuns) recentemente estabelecidos. Essa tensão torna-se evidente nas próprias estruturas do espetáculo trágico:

No conflito trágico, o herói e o tirano ainda aparecem bem presos à tradição heroica e mítica, mas a solução do drama escapa a eles: jamais é dada pelo herói solitário e traduz sempre o triunfo dos valores coletivos impostos pela nova cidade democrática (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1988: 7-8).

Em uma relação que certamente não se deve ao acaso, a tragédia grega encontra seu apogeu no mesmo momento em que Atenas, no Egeu, se apresenta como a grande potência política, militar e cultural (ROMILLY, 1999: 10). Como dito anteriormente, a tragédia nasce na cidade de Atenas ao cabo do VI século. Ora, este é um momento de consolidação de uma nova forma de convivência, a política, ou seja, a arte da deliberação em conjunto, participação dos que compõem o corpo cívico da cidade nos desígnios citadinos (TRABULSI, 2001: 37).

No século V, em Atenas, esta prática torna-se alargada. A cidade dos atenienses foi aquela que podemos dizer, efetuou um maior compromisso político, a cidade democrática por excelência, pois sua *ἐκκλησία* (assembleia) era composta tanto por membros de famílias aristocráticas como também por simples artesãos, sapateiros, ferreiros, curtidores de couro, por exemplo. A tragédia certamente não ficou alheia a este impulso. Por ser justamente um momento que fazia parte de uma festa ritual e cívica – Grandes Dionisiacas –, estava associada à realidade da cidade.

Sabemos que em Atenas, a vida política era objeto de acalorados debates na *ἀγορά* (praça pública), nos tribunais, espaços onde a práxis política era posta em constante avaliação. Os cidadãos não tinham dúvidas, devia-se participar das decisões e deliberar

sobre tudo quanto dizia respeito ao âmbito do comum, do público, a esfera do κοινόν (elementos que diziam respeito que era comum aos cidadãos). Assim, onde entra a tragédia grega neste ambiente intelectual? O espetáculo trágico apresenta constantes questionamentos acerca da ação política, é a criação de uma igualdade política que possibilita tal fato. Se na praça pública não havia dúvidas que o πολίτης (cidadão) deveria participar ativamente, no teatro, o trágico apresentava uma problematização que visava debater os limites da ação política. Desta maneira, discute a questão da igualdade enquanto valor democrático.

Na tragédia grega, a questão da igualdade política está intimamente ligada à discussão sobre a vontade humana. O trágico apresenta um debate que tem por objeto a possibilidade e limite de ação do humano. Ora, em uma comunidade como Atenas, reduzida em seu espaço geográfico e densidade populacional, na fórmula de Moses Finley uma sociedade do “face a face” (FINLEY, 1988: 30), as ações de cada cidadão tinham grandes chances de ecoar sobre outrem. Em suma, o teatro antigo, ao discutir as fronteiras da ação humana, questiona justamente quais os obstáculos que a vontade do homem deve superar e qual deve respeitar. As intersecções que a vontade deve saber mediar na construção da comunidade política.

Entre a pólis e Lemnos:

Vejamos agora de perto a tragédia que se configura como objeto principal de nossa análise, o *Filoctetes*, de Sófocles, encenada em Atenas no ano de 409. Na Dionisiaca daquele ano Sófocles sagrou-se vencedor com seu *Filoctetes*. Lembrando que as tragédias eram levadas ao teatro de Dioniso em uma ocasião cívica e a escolha da peça vencedora se dava a partir da escolha popular. Podemos pensar que esta tragédia diz algo forte à cidade de Atenas, procuraremos ressaltar determinadas passagens do texto de Sófocles e realizar uma interpretação à luz do contexto da pólis dos atenienses.

Sófocles não foi o único a escrever uma tragédia intitulada *Filoctetes*, Ésquilo e Eurípedes também se dedicaram ao tema do herói arqueiro, mas estas outras duas peças não chegaram até nossos dias, exceto em diminutos fragmentos e escólios em comentadores do período helenístico e romano. Sem a intenção de tomar demasiado

espaço, não discutiremos aqui aquelas versões, apenas mencionamos que o *Filoctetes* de Sófocles possui uma especificidade, parece que foi este poeta que introduziu na ação da tragédia a personagem Neoptólemo e transformou o espaço de ação, a ilha de Lemnos, em espaço desértico.

Falamos anteriormente em procedermos a uma interpretação da tragédia escolhida, à luz do contexto ateniense do V século. Assim cabe um esclarecimento de cunho metodológico, nos apoiamos nas indicações dos helenistas Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet, para trabalhar com o conceito de contexto:

Mas o que entendemos por contexto? Em que plano da realidade o situaremos? Como veremos suas relações com o texto? Trata-se, nossa opinião, de um contexto mental, de um universo humano de significações que é, conseqüentemente, homólogo ao próprio texto ao qual o referimos: conjunto de instrumentos verbais e intelectuais, categorias de pensamentos, tipos de raciocínios, sistemas de representações, de crenças, de valores, formas de sensibilidade, modalidade de ação e agente (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1988: 20).

É a partir disto que uma tragédia se torna inteligível para os cidadãos, espectadores no teatro. Os estudiosos modernos devem manter em mente este aspecto, observar como nas estruturas do texto trágico podem subjazer elementos da mentalidade da sociedade existente de então. Do mesmo modo, estamos vinculados às propostas de análise do helenista Louis Gernet. A partir de um profundo estudo de todo o corpus documental de textos trágicos, Gernet concluiu que a verdadeira matéria da tragédia grega é o pensamento social da cidade grega. A presença, nas tragédias, de elementos análogos aos identificados no âmbito da vida social grega marcaria de forma indelével o vínculo orgânico entre tragédia grega e cidade.

O argumento do *Filoctetes* pode ser apresentado do seguinte modo: a tragédia começa com o herói homônimo já em estado de penúria e abandono. O arqueiro havia sido deixado para trás a mando dos atreus, Menelau e Agamêmnon, ordem executada por Odisseu. Levou a este abandono o fato de Filoctetes ter sofrido um ataque de serpente em um de seus pés, a ferida não cicatrizou, e então seus gritos e reclamos de dor impediam os helenos de realizarem os ritos religiosos. Tais acontecimentos se dão no caminho de ida dos heróis na Guerra de Tróia. Dez anos se passaram após o abandono de Filoctetes, os gregos não conseguem colocar termo na querela contra Tróia. Odisseu sabe, através de um vate troiano chamado Heleno, que a vitória grega só poderá ser alcançada se em suas

fileiras estiver o arqueiro Filoctetes. A ação da peça escrita por Sófocles começa neste ponto, Odisseu volta à ilha de Lemnos, acompanhado por Neoptólemo, filho de Aquiles, com a intenção de, usando o jovem, poder arrastar Filoctetes novamente ao exército helênico. Assim, a ação da tragédia é fundamentada nos movimentos desta tentativa de convencer o herói ferido a retornar ao campo de batalha. A peça mostra os diferentes argumentos que são usados para que o objetivo seja atingido e expõe de igual maneira as palavras de resistência e inflexibilidade de Filoctetes, que recusa esta volta.

Filoctetes ocupa uma posição de destaque entre as tragédias de Sófocles no que tange ao espaço de ação, ao menos entre as peças que chegaram até nossos dias. Ajax tem como fundo um acampamento de guerreiros gregos diante das portas de Tróia, é um ambiente que lembra um espaço citadino; Electra, Édipo-Tirano, Antigone e As Traquínias são encenadas diante de representações que remetem a palácios, elementos que levam de uma realidade políade; em Édipo em Colono, o ambiente da peça é uma localidade de Atenas; Filoctetes, por outro lado, é a mais densa solidão (SANTOS, 1991: 162). Na abertura da tragédia fica evidente o local descarnado de humanidade que é a ilha de Lemnos:

Odisseu: Eis que se descortina o cabo que ondulas
lêmniás circum-envolvem.
Rastros de homem
não há, tampouco traços de morada (vv. 1-3).

A citação é a abertura do *Filoctetes*, as primeiras palavras são proferidas por Odisseu. Ao ler aqueles versos, fica claro a situação de total deserto e abandono que Lemnos é caracterizada. O fato de ser uma ilha já denota um ar de isolamento, um espaço cercado de água, avesso por sua natureza a qualquer comunicação. Ainda na mesma passagem nota-se o caráter desumanizado da localidade. Não há vestígios de ser humano, não há nada que lembre uma morada. Neoptólemo, a mando de Odisseu, verifica a caverna onde vive Filoctetes. O jovem guerreiro faz os seguintes questionamentos diante do que observa no espaço:

Neoptólemo: Será um leito o tufo de folhagem?
Odisseu: Mas isso é tudo sob o teto?
Neoptólemo: Há uma copa de pau, que um pobre artífice
fabricou, mais uns trochos para o fogo.
Odisseu: Parece indicar-me seu tesouro.
Neoptólemo: Oh, céus! Que nojo! Uns panos rotos cheios
de purulento pus secam ali! (vv. 33-39).

Percebe-se tanto na própria descrição do habitáculo, quanto no espanto de Neoptólemo com o local, que nada ali é capaz de lembrar alguma humanidade. A própria copa de pau mencionada é caracterizada como resultado de um pobre artífice, não há trato algum. Filoctetes habita uma não-cidade – ἄπολιν (vv. 1018). Uma não-cidade, uma não-humanidade é o que se percebe ao entrar em contato com o texto do *Filoctetes*. Neste sentido, em Lemnos tudo que pode organizar um espaço, torná-lo inteligível, humano, está ausente. Apenas há o herói ferido, Filoctetes, que com esforço luta para manter sua condição humana.

Os elementos de vida descritos na citação anterior remetem o leitor – tanto hoje, como o espectador cidadão ateniense – a um mundo da barbárie, da selvageria. Lemnos em momento algum da peça lembra uma cidade, o mesmo se aplica ao habitáculo do herói:

Os únicos indícios de vida humana na ilha não constituem o que o homem grego do século V. a. C. entendia por habitação, com espaços divididos segundo as necessidades, os costumes e em cujo centro, sem dúvida, havia um altar, o fogo à deusa Héstita. Ao contrário, as palavras de Neoptólemo mostram uma habitação que no olhar do homem do século V era sinal de algo primitivo, símbolo mesmo de um estágio anterior da humanidade, de um tempo selvagem em que o homem também asselvajado não é capaz de construir o seu espaço, mas habita em espaços naturais, em cavernas (BRANDÃO, 1991: 163).

O espaço poliade, na mentalidade grega do V século deveria ser organizado, ter um centro, característica do que é civilizado:

O espaço exige um centro, um ponto fixo, com valor privilegiado, a partir do qual se possam orientar e definir direções, todas diferentes qualitativamente; o espaço, porém, se apresenta, ao mesmo tempo, como lugar do movimento, o que implica uma possibilidade de transição e de passagem de qualquer ponto a um outro (VERNANT, 1990: 194).

No pensamento grego é o homem que toma a frente na construção da ordem em um espaço, em um mundo que não é inteiramente ordenado, nesse sentido, o humano necessita da convivência com seus iguais, sua comunidade política. Nessa relação de reciprocidade o cidadão se realiza, marca sua posição no mundo da decisão. Na ilha de Lemnos essas características não podem ser verificadas. Pensar diferentes direções é ter em conta possibilidades de decisão, para tanto são necessários grupos humanos diferenciados, mas equitativamente semelhantes no plano da deliberação. Tudo isso falta em Lemnos, fazendo com que aquele espaço seja ressaltado como um ambiente a meio caminho de fazer parte do mundo.

Lemnos está em relação ao mundo, fora e dentro ao mesmo tempo. Dentro porque faz parte do mundo enquanto espaço geográfico, fora, pois não possui a construção de uma vivência ordenada. Na ilha não existe sequer a possibilidade da convivência. O homem político busca o convívio, seu lastro intelectual o informa que a vida civilizada é construída em um espaço que abrange grupos humanos iguais no plano político; na intersecção mantida entre os homens, na discussão, no exercício do diálogo, o cidadão constrói a si. Por esse motivo, é lícito referir-se a Lemnos como um plano bárbaro, a ausência do humano a deixou em um estágio selvagem.

A ilha de Lemnos, no imaginário grego, era cenário de narrativas míticas. Era conhecida por ser uma localidade destituída de vida civilizada, pois fora povoada por grupos de piratas (DAGIOS, 2012: 112). Lemnos recebeu então a pecha de local selvagem por excelência, no tempo de Heródoto; todo e qualquer ato considerado de selvageria era dito “atos lêmnios”. Sófocles articula a solidão de Filoctetes com todo esse universo mental que o mito de Lemnos envolve. Os cidadãos nas arquibancadas do teatro de Dioniso eram remetidos à bagagem cultural do mito enquanto assistia-se a tragédia, tudo isso aumentava o efeito da ação, do trágico.

Se o espaço da ação era simples – em comparação com cenários atuais – todo arcabouço mítico que era evocado na representação de uma tragédia realizava sua função: impactar o espectador da peça. Com *Filoctetes*, por certo, não foi diferente. A solidão do arqueiro, o local da ação que é pura penúria, articulado com o fundo mítico, criou um universo de ação selvagem, onde o humano está sempre um passo atrás de realizar-se como tal, não é completo. De fato, o único humano presente em Lemnos – Filoctetes – é um ser com uma moléstia, está definhando, vive em uma estreita linha estendida entre a impossibilidade da selvageria e a insistência da preservação do estatuto humano. Possui o arco de Hércules, utiliza-o não para fins nobres, mas para caça, constrói utensílios de madeira sem acabamento algum, sem beleza alguma, nada que lembre a arte helênica. Filoctetes pode ser descrito como uma casca, uma imagem ambígua entre o humano e a besta, mas que abriga de certa forma, um homem, um grego. Em certo momento o Coro faz uma descrição da situação de Filoctetes nas seguintes palavras:

Coro: Sou solidário: como,
sem alguém que o assista,
sem um sócio que o esguarde, infeliz, sozinho sempre,
padece de moléstia que não cede,

desnorteados às imposições da vida?
Pergunto-me como o sem-moira não esmorece.
Ó golpes dos venturosos!
Ó ser humano, triste estirpe, que desborda em seu percurso!
Será possível apontar um único
que o supera
no âmbito das famílias mais tradicionais?
Sucumbe só, ninguém nas cercanias,
feras de pelame ereto, mosqueadas,
o ciceroneiam.
Esfaimados e combalidos,
desperta piedade,
acabrunhado por aflições
sem cura e sem cuidado.
Seu reclamos de amargura ecoam
na ênfase do longitrom (vv. 169-190).

Na primeira parte desta citação interpretamos a mensagem de Sófocles da seguinte maneira: o autor discute a formação do estatuto humano. A construção do homem enquanto ser destinado a viver em comunidade não permite que sua humanidade possa ser edificada, alcançada em solidão. Em uma comunidade de iguais, cada membro do corpo político serve de diapasão um para o outro. A relação no interior da sociedade se pauta na livre convivência dos iguais. Por este motivo é que Filoctetes está descarnado, quase outra coisa que não humano. Por dez anos o herói não pode elaborar a si, construir-se como membro de uma *κοινωνία* (comunidade), para ele não há uma medida, no pensamento grego esta construção não pode prescindir do convívio entre humanos. Neste sentido, Filoctetes só é humano porque ainda guarda em si características anteriores a sua desgraça, mas em Lemnos este fluxo é interrompido, luta para manter o que ainda lhe resta de civilidade.

A vida do herói se define pelo trágico, ou seja, a existência o esmaga, a contingência não permite outra possibilidade que não a solidão. Filoctetes possui uma “não vida”, pois para o grego, é em comunidade que a existência civilizada deve acontecer (REINHARDT, 2007: 187). Em certo momento da peça, ao perceber que há alguém em Lemnos procura o contato, e descreve a si mesmo:

Filoctetes: Forasteiros,
quem se encoraja a manobrar os remos
rumo a terra sem porto e sem morada?
Ignoro estirpe e pátria de onde vindes.
Quem sois? O estilo do vestuário evoca
em mim a Hélade adorável! Quero
ouvir como falais. Perplexidade
ou medo não pretendo despertar
como meu aspecto rude. Só, tristíssimo,
um deserdado, um traste sem amigos,

mereço piedade (...) (vv. 219-229).

No mito grego, Filoctetes é um herói, portanto, um ser diferenciado que, bem-nascido pertence a uma casta de guerreiros nobres, homens superiores normalmente descendendo de linhagens que remontam a um ancestral divino. Ao colocar no teatro, diante dos cidadãos, um herói reduzido à situação de arremedo humano, certamente Sófocles imprimiu um efeito trágico aos olhares daqueles que no teatro estavam. O poeta também passa uma mensagem: não importa quão glorioso seja o homem, a vida esmaga a todos com o mesmo peso, este é o fio trágico no qual o humano encontra seu caminho. Está de acordo com o sentido trágico de que tudo no teatro é um problema a ser questionado, o herói na Tragédia Grega já não é um modelo – como outrora foi nos textos homéricos ou nas poesias de Píndaro – no contexto da cidade democrática a figura heroica e seu peso são vistos como problemática (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1988: 14-15). Se a inflexibilidade do herói remete ao passado arcaico, o desfecho das tragédias é reflexo da democracia, que em cada peça é representado, o triunfo é dos valores da nova cidade isonômica.

Ainda sobre a citação: mais uma vez Sófocles ressalta a descrição de abandono da ilha, uma “terra sem porto e sem morada”. Com as análises interpretativas sobre o estado de abandono de Filoctetes e Lemnos como local da não-humanidade, proponho pensar na própria Atenas. A cidade era reconhecida, entre outros elementos, pelo seu porto, o Pireu, que a colocava em contado com todo o Egeu. De fato, Atenas era o centro do Mediterrâneo, política e culturalmente. O período em que *Filoctetes* é encenada é relevante na presente análise. O ano é 409, o fim da Guerra do Peloponeso, Atenas já possui poucas forças, e vislumbra sua derrocada. Sendo a tragédia grega um espetáculo político, e não se deve esquecer que Sófocles foi um cidadão estreitamente vinculado com sua cidade, é plausível que este fim de período glorioso da cidade dos atenienses fosse discutido no enredo trágico de *Filoctetes*.

Com isso em mente, voltamos a dissecar a citação anterior. O arqueiro se referiu à Lemnos como local sem nada que lembre algum porto para embarcações; uma das consequências da guerra entre Atenas e Esparta foi justamente uma destruição dos portos, que levou ao empobrecimento das trocas comerciais, praticamente isolando a cidade do mundo (MOSSÉ, 1985: 41). A própria ilha de Lemnos no V século pertencia a Atenas,

assim o autor faz uma referência à própria cidade como local arrasado por uma guerra entre helenos.

O aspecto de selvageria é novamente evocado ao fim da citada passagem, Filoctetes tem consciência de seu estado bárbaro – do ponto de vista helênico –, pois sabe o medo que sua aparência pode causar. Lamenta a solidão, desespera-se por não ter amigos com quem contar. A plateia composta por cidadãos, dotados do pensamento de que o homem só se realiza na vida comunitária, como afirma Aristóteles (POLÍTICA, 1253a), cremos, era impactada sensivelmente.

No seguimento da passagem há uma indagação de Filoctetes sobre a identidade e origem dos estranhos, Neoptólemo responde: “começo pelo início: somos gregos, se é isso o que desejás conhecer” (vv. 232-233). Ao ouvir, depois de dez anos de solidão, novamente a fala grega, Filoctetes se comove:

Filoctetes: Que som sutil! Depois de tanto tempo,
ouvir desse rapaz a doce música!
Que negócio te move, qual o intuito
da brisa ao te impelir, brisa propícia?
Não queiras me encobrir tua identidade! (vv. 234-238).

Para o herói, a fala grega soa como uma música, uma bela e suave harmonia perdida, e que, ao entrar novamente em contato, traz à Filoctetes o mundo da linguagem, é por meio desta maneira singular de comunicação que as relações entre os homens são ordenadas, postas em série inteligível, em última instância, civilizada. O que Filoctetes volta a ouvir não é apenas a língua de sua “pátria”, o belo som da fala helênica abre como que um sulco de humanização no ambiente selvagem que habita, anuncia ao arqueiro abandonado uma possibilidade de volta à vivência humana. A sequência de perguntas direcionada a Neoptólemo pode ser percebida como uma explosão da vontade de comunicação, voltar à possibilidade do diálogo é retornar ao exercício do logos. É ordenar tudo que está a sua volta:

Entre a política e o logos, há assim relação estreita, vínculo recíproco. A arte política é essencialmente exercício da linguagem; e o logos, na origem, toma consciência de si mesmo, de suas regras, de sua eficácia, através de sua função política (VERNANT, 1986: 35).

O estabelecimento do pensamento político é a existência de um tipo de razão que, amoldada no e pelo discurso, se constitui em um modelo de pensamento que na cidade

grega assume a preeminência. O homem só pode realizar-se plenamente em comunidade pela prática da linguagem, do convívio exercitados na cidade que criam e preservam os fundamentos das relações entre os homens. Em comunidade o humano pode deliberar. Em comunidade o humano pode deliberar, falar e ouvir, refletir e concluir. Na sequência do diálogo, Filoctetes ao ouvir de Neoptólemo que este não sabe nada sobre o herói, sente-se subsumido no mundo, e lamenta:

Filoctetes: Ó infeliz de mim! Cruéis deidades!
Passo o que passo e sobre mim notícia
alguma chega em casa, ao Mundo Grego? (...) (vv. 254-256).

Filoctetes chora por notícia alguma sobre ele chegar ao mundo grego. Isso remete imediatamente a uma questão antes mencionada, Lemnos na tragédia *Filoctetes* é uma não-cidade como dito anteriormente, a ilha está completamente apartada do mundo considerado civilizado na ótica helênica. A ausência de registro na tradição é o pior legado para um herói, que luta por esse motivo, para que seus feitos se eternizem nas narrativas. É como se toda esperança antes reacesa com a volta do contato humano se diluísse diante de si. Vendo que é um nada, pois não é lembrado, perde-se novamente em solidão, retoma os malditos lamentos. Ao não ser lembrado, perde todo seu κλέος (a fama heroica), a glória de ser lembrado por outrem, pelos seus feitos – algo de fundamental importância para o grego. Filoctetes vive uma morte cívica. O lamento segue:

Filoctetes: (...) só contava comigo nesta grotta
pobre. Aos reclamos do meu ventre, o arco
mirava na paloma peregrina,
e o alvo que da corda a flecha achasse
cabia a mim, coxeando deste pé
inútil, resgatar. Garganta seca
ou trêmulo por golpe de nevasca
invernal, precisando de gravetos,
o infeliz com quem falas dava um jeito,
serpeando pelo chão. Não haveria
fogo não fora uma fagulha oculta
que do atrito das pedras me surgia, salvando a vida.
Exceto a cura, tudo
mana do fogaréu neste habitáculo (...) (vv. 287-306).

Os dez anos de abandono de Filoctetes foram dia-após-dia, sempre o mesmo, solidão esmagadora. Na passagem acima, pode-se perceber que mesmo com seu padecer, o herói procura manter seu estatuto de humano. O fogo é o que melhor representa tal fato, pois foi pelo fogo, concedido por Prometeu que, o homem saiu de sua selvageria, se

transformou em artífice de sua própria existência. Quando Neoptólemo faz menção de deixar Lemnos, Filoctetes diz mais palavras carregadas de dor e angústia:

Filoctetes: Apelo filho, aos teus antepassados,
apelo ao mais sagrado no teu lar,
mais que apelar, imploro: não me relegues
à solidude quem sucumbe ao mal,
não só ao mal que vês, ao mal que ouviste
dizer que me contrista. Vai! Acolhe
um peso morto
sei o estorvo enorme
que é embarcar um fardo
assim, contudo embarca! A pequenez constringe o nobre,
que se perfaz na generosidade.
A omissão carece de beleza
(...) Não me sequestres do convívio humano!
(...) Tudo é perigo e risco
nesta vida, seja boa a maré, seja madrasta.
Deve se acautelar o homem próspero,
Para evitar surpresas da desgraça (467-506).

No final da citação explorada, Sófocles coloca uma visão de mundo, a noção de vida trágica e de homem trágico. A contingência pode destruir o humano, este ser que naquele momento descobria, investigava os limites de sua ação. Não possui uma autonomia completa sobre sua existência, o que se vê é uma autonomia relativa. Com isto, entende-se que o século V é o momento em que o humano está descobrindo-se como artífice de si, de sua vida, quer dizer, pensa o plano humano, o mundo, a existência, já não mais mediados tacitamente por potências divinas, mas antes, a partir do próprio âmbito humano. Autonomia relativa, queremos dizer que o humano mesmo que esteja no processo de criação de seu espaço próprio, ainda se vê em certa tensão com o imenso outro que o cerca, forças que não pode apaziguar, o plano divino está presente, rege a vida humana, mas não é de forma alguma suficiente. Pois sendo a tragédia grega um discurso onde podemos observar o homem enquanto criador de si mesmo, dando sentido à sua existência, não poderia haver tragédia se houvesse uma autoridade última impondo de forma tácita todos os desígnios aos humanos, há uma tensão entre estes dois pontos (CASTORIADIS 2004: 38).

Sendo a tragédia manifestação do pensamento político, de imediato remetemos à problemática da participação do cidadão ateniense nos negócios cidade. Atenas foi a cidade do compromisso político entre os cidadãos por excelência:

A política era, para a grande massa dos cidadãos, a única parte de suas vidas que superava o mundo concreto das relações domésticas, de parentesco ou de vizinhança, assim como a de pequenas comunidades de culto. Era a única esfera em que não atuavam somente como pessoas privadas, o único domínio onde tomavam parte em uma forma de vida pública. E, se cremos no testemunho de nossas fontes, parece que se formou uma singular solidariedade neste domínio. Não existiam adesões opostas suscetíveis de romper a solidariedade política: nem de tipo econômico, nem de tipo religioso e nem sequer oposições como as que acontecem entre partidários do antigo, e partidários do novo em nossas sociedades modernas. Com exceção de alguns aristocratas, nesta comunidade de cidadãos existia, ao contrário, uma unanimidade de interesses políticos, assim como uma homogeneidade de concepções de vida (MEIER, 1985: 17).

Desta maneira, fica clara a noção de cidadania em Atenas, um ideal positivo e ativo, pois o cidadão só podia encontrar sua realização na efetiva participação cidadina. Pode-se entender que Sófocles, ao montar uma tragédia em que o cenário é o exato oposto de uma cidade, e que a situação do herói trágico se afasta por completo do estado de civilização, deixa entrever uma possível interpretação: a tragédia é na cidade, participando de tudo quanto diga respeito aos seus assuntos cívicos que o homem pode construir a si como ser civilizado. Estando fora da cidade e do convívio, o humano habita um espaço desordenado, sempre no limite da animalidade. Não é tarefa desta análise procurar saber o que se passava na mente de Sófocles no momento em que escrevia seu *Filoctetes*, ou qualquer outra tragédia, isto seria um falso problema a ser colocado. Tudo que temos é apenas o texto trágico, nada mais há, assim, os estudos devem partir do texto e a ele retornar. Com efeito, não podemos responder tal pergunta se Sófocles teria refletido sobre a pólis e as relações políticas em seu interior. Mas seguindo as indicações do helenista alemão Christian Meier que afirma ser a tragédia grega uma arte política:

Les tragédies grecques étaient destinées aux citoyens athéniens; non pas à un public particulier d'amateurs de théâtre, mais à tout le corps civique de la cité la plus puissante de cet univers-là. Car c'est ce qu'était Athènes à l'époque d'Eschyle, de Sophocle et d'Euripide, au V siècle avant Jésus-Christ (MEIER, 1991: 7).

Sendo o espetáculo trágico uma instituição própria à cidade, não é difícil compreender que no teatro de Dioniso eram discutidas questões relativas à comunidade dos cidadãos. Os autores de tragédias sendo cidadãos de Atenas e escrevendo peças para uma plateia de cidadãos tinham por inspiração questões que diziam respeito à realidade política cidadina, assim, é comum encontramos em diversas peças trágicas discussões sobre a justiça, o poder e limites da ação humana no espaço coletivo. Sendo assim, se por um lado não podemos afirmar se Sófocles pensou ou não na questão da pólis e as relações entre os cidadãos, por outro, é possível dizer que tais elementos, que aparecem na estrutura

do *Filoctetes*, constituem como que um quadro de referência comum para os cidadãos espectadores no teatro, e tornava inteligível o discurso do tragediógrafo diante de sua plateia. Sendo esta referência comum a temáticas também discutidas nos órgãos políticos da cidade, em última instância seria correto afirmar que no teatro a política também é tratada.

Considerações finais:

Desta forma, chegamos ao fim deste breve comentário acerca da tragédia *Filoctetes*, de Sófocles, encenada pelos atenienses no ano de 409, e vencedora dos concursos trágicos de então. O universo cultural que se apresenta àqueles que leem os textos trágicos que foram legados aos nossos dias é, de fato, algo considerável, e a plêiade de temáticas que a tragédia grega suscitou, e ainda o faz, é motivo de uma extensa bibliografia.

Na primeira parte de nosso trabalho, procuramos salientar como se coloca o sentido do trágico para os gregos. Vimos que o fenômeno surge em meio a um contexto onde o humano elabora uma nova forma de pensamento, ou seja, a política, marcando uma etapa onde os homens discutem a si e seus problemas a partir de um ponto de vista laicizado, se assim podemos dizer. O trágico está nascendo no seio deste pensamento, apresenta um espetáculo onde tudo é uma problemática em que a solução nunca é dada por um personagem apenas, o que triunfa são valores da cidade democrática. A tragédia grega então é vista como um canal, entre outros, de debate sobre as questões da cidade.

Na sequência do artigo o objetivo foi, a partir de pontuais citações, perceber algum sentido no *Filoctetes*, de Sófocles. Tragédia singular, a única de todas que temos conhecimento que não possui um cenário que venha a remeter uma realidade políade, peça em que o herói é um ser asselvajado, vive sozinho tendo sido abandonado, apartado do convívio humano, e quando possui a oportunidade de voltar ao grupo dos iguais, renega-a. O mundo trágico elaborado por Sófocles em *Filoctetes* mostra a tamanha desgraça que pode incorrer àqueles que acabam por ficar longe do convívio humano, em última instância, da vida na pólis. Há um alerta neste texto do tragediógrafo: pelo exemplo negativo intenta demonstrar aos cidadãos reunidos no teatro que a cidade grega não pode prescindir da busca de harmonia entre aqueles que a compõe. E que são a cidade mesma em sua realidade concreta, os cidadãos.



Referências Bibliográficas:

- ARISTÓTELES, (2010), *A Política*, Tradução Nestor Silveira, São Paulo, Edipro.
- CASTORIADIS, Cornelius (2004), *Figuras do Pensável: as encruzilhadas do labirinto volume VI*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- DAGIOS, Mateus (2012), *Neoptólemo entre a Cicatriz e a Chaga: logos sofisticado, peithó e areté na tragédia Filoctetes de Sófocles*, Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- FINLEY, Moses (1988), *Democracia Antiga e Moderna*, Rio de Janeiro, Graal.
- MEIER, Christian (1985), *Introducción a la Antropología Política de la Antigüedad Clásica*, México, Fondo de Cultura Económica.
- _____ (1991), *De la tragédie grecque comme art politique*, Paris, Les Belles Lettres.
- MOSSÉ, Claude (1985), *As Instituições Gregas*, Lisboa, Edições 70.
- REINHARDT, Karl (2007) *Sófocles*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília.
- ROMILLY, Jacqueline (1999), *A Tragédia Grega*, Lisboa, Edições 70.
- SANTOS, Fernando Brandão dos (1991), O Deserto no Homem Desertado: reflexões sobre a concepção cenográfica da tragédia Filoctetes de Sófocles, *Alfa*, 35, 1991, p. 161-167.
- SÓFOCLES (2009), *Filoctetes*, Edição bilingue, tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira, ensaio de Edmund Wilson, São Paulo, Editora 34.
- _____ (2008) *Filoctetes*, Edição bilingue, tradução, introdução e notas Fernando Brandão dos Santos, São Paulo, Odysseus Editora.
- TRABULSI, José Antonio Dabdab (2001), *Ensaio sobre a mobilização política na Grécia Antiga*, Belo Horizonte, Editora UFMG.



VERNANT, Jean-Pierre (1990), *Mito e Pensamento entre os Gregos*, São Paulo, Editora Paz e Terra.

_____ (1986), *As origens do pensamento grego*, São Paulo, DIFEL.

_____; VIDAL-NAQUET, Pierre (1988), *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*, São Paulo: Brasiliense.

Sobre o autor: Matheus Barros é graduado em História - Bacharelado na Universidade Federal do Rio Grande, sob a orientação do Professor Doutor Jussemar Weiss Gonçalves, com a monografia intitulada “Filoctetes, trágica solidão: uma leitura de Atenas no final do V século a.C. a partir da tragédia de Sófocles”. Com apoio do Plano de Desenvolvimento Estudantil. Atualmente é mestrando na Universidade Federal de Pelotas, com a pesquisa intitulada “Teatro e Política: pensar a ação humana na pólis ateniense a partir da tragédia Filoctetes, de Sófocles”, orientada pela Professora Doutora Carolina Kesser Barcellos Dias. Tendo apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CAPES). Interesses de estudo e pesquisa concentrados em Antiguidade Clássica.